

RODOVIÁRIA

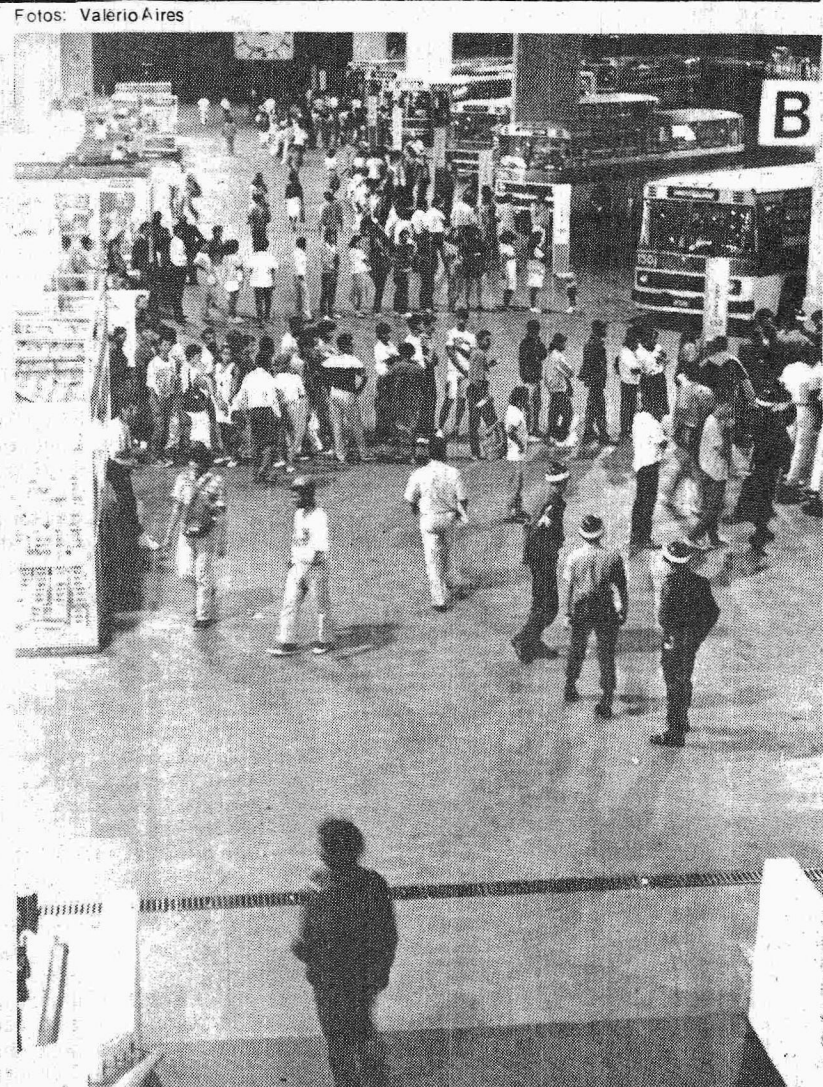
24 horas

"No cruzamento dos eixos, mora a alma da cidade".

A frase traduz o que representa a Estação Rodoviária para uma população que reclama ao mesmo tempo da falta de esquinas e do marasmo de Brasília. De dia, o trânsito é o mais movimentado das redondezas e 400 mil pessoas transitam na área, indo para o trabalho, para a escola ou para casa. À noite, a diversão se instala e a ordem é buscar o prazer. Tanta concentração faz da Rodoviária um palco de manifestações artísticas e políticas, como o "badernaço" do último dia 27 de novembro. O folclore fica por conta de personagens típicos como o lambe-lambe, o "reco" e o engraxate. São as 24 horas mais movimentadas de Brasília, que têm como símbolo dois alimentos bastante conhecidos pela população: o pastel de carne e o caldo de cana.



Diariamente, 400 mil pessoas passam pela rodoviária, onde a vida e os hábitos se modificam de acordo com os horários



O Brasil real no coração de Brasília

Cláudio Ferreira

Estrategicamente localizada na junção dos Eixos Rodoviário e Monumental, a Estação Rodoviária é o que se tem de mais parecido, aqui em Brasília, com uma cidade tradicional. A poluição sonora e do ar, o barulho e a grande concentração de pessoas são in-comuns, assim como a movimentação quase que ininterrupta numa cidade chamada de "fria e sem vida".

A vida do "coração de Brasília", começa cedo, ainda de madrugada, e prossegue intensa até o final do dia. Misturam-se durante o dia, pessoas de todos os tipos e classes, que juntam-se à população fixa do local, que também é grande. Na Plataforma Superior onde estão as lojas mais bem equipadas, é comum se vê a multidão, logo de manhã, concentrada diante das manchetes dos jornais expostos nas bancas. O barulho do trânsito na rua se confunde com a expressão "tá quentinho", que é como os funcionários das lanchonetes atraem a freguesia. A massa humana vem ou vai para o Conic, Conjunto Nacional e Setor Comercial, num "pique" que dura o dia inteiro.

Na parte de baixo, a movimentação é ainda maior. A poluição é tanta que as pessoas, já acostumadas, não se dão conta nem da sujeira constante. Ali, vende-se de tudo: vassouras, pilhas, artesanato e principalmente comida. Existem personagens exóticas, como o sanfoneiro que às vezes diverte os transeuntes por uns trocados, ou o desenhista que faz retratos va-

riados em questão de minutos. Comum mesmo é alguém ser abordado e requisitado a "dar uma força" para interar a passagem.

Dependendo do local, percebe-se uma mudança de pessoas. Para o Leste, avistando-se a Esplanada dos Ministérios, estão os ônibus que servem ao Plano Piloto, Guará, Núcleo Bandeirante, Cruzeiro, Sobradinho, Planaltina e Gama. Os usuários, aí, são estudantes, funcionários públicos e trabalhadores em geral, que convivem pacificamente apesar das diferenças sociais. No lado Oeste, é a vez da população de Taguatinga, Ceilândia e Brazlândia, além dos migrantes que chegam nos ônibus que fazem linha com a Rodoviária e o contingente do Setor Militar Urbano. Do lado Norte, os desavisados pensarão estar em outro local. Afinal, ali é o ponto de partida das linhas para a região do Entorno (Luziânia, Cidade Ocidental, Novo Gama, etc.). Por isso, lembra as rodoviárias interestaduais, com as malas e as famílias amontoadas nos bancos, esperando a sua hora de partir.

A Rodoviária serviu, no ano passado, para o maior movimento de revolta popular da história da cidade: o badernaço. A multidão, que saiu enfurecida da Esplanada dos Ministérios por causa do Pacote II, incendiou três módulos e queimou carros da Polícia Militar. Além da enorme concentração de pedestres, a Estação Rodoviária tem o maior volume de tráfego da cidade.

Se durante o dia a Rodoviária é o centro nervoso da cidade, com preocupações nitidamente ligadas ao trabalho e à sobrevivência, à noite as intenções são outras. Toda a área se transforma num gigantesco palco de conquistas, gratuitas ou não. Recos, prostitutas (e a versão masculina destas, os chamados "michês"), bêbados e mendigos dão um ar diferente ao local. O policiamento ostensivo, cuida da ordem. Conquista-se, portanto, com certa margem de paz.

A movimentação é muito grande nas pastelarias da plataforma inferior, que ficam abertas a noite inteira e tornam-se ponto de encontro. Alguns deixam o caldo de cana de lado e investem na bebida, aprontando depois muita confusão ou se tornando mais um dos que passam a noite no local. O clima é todo de paquera, que começa nos balcões, prossegue nas escadas rolantes e no mezanino e termina na plataforma superior. A proximidade do Conjunto Nacional sugere o início de uma aventura, assim como no Conic.

Mas existe algo mais explícito do que a simples paquera, que começa, em certos casos, nos banheiros masculinos da Rodoviária e prossegue no primeiro lugar descampado dos arredores. Os "profissionais" se expõem à beira das pistas que delimitam a plataforma superior e nos estacionamentos das redondezas à es-

pera dos clientes. As vezes, esta espera é interrompida à força. É comum em qualquer noite um batalhão da Polícia Especial por para correr "michês" e "recos". Medo da Aids ou moralização do local, ninguém sabe explicar. Mas nem só de sexo vive o local. As turmas de "recos" de folga do serviço às vezes só querem se divertir. Há também os que querem meditar e rezar, atraídos pelos grupos de religiosos que visitam o terminal periodicamente. Nas primeiras horas da noite, católicos ou protestantes, equipados com microfones, instrumentos e caixas de som, atraem os curiosos com músicas que falam do "mal que vem perturbar" e da confiança no Senhor. Alguns param para ouvir aqueles jovens que de longe, pareceriam um grupo de rock nativo, mas ao invés de conquistas amorosas, as letras falam de religião.

Nesta mistura toda, em termos de segurança, o maior trabalho é com os bêbados. A polícia às vezes tem de intervir em alguma confusão, mas os notívagos da Rodoviária tornam-se conhecidos e, na maioria das vezes, inofensivos. Quem fica nas plataformas por opção junta-se aos "azarados" que perderam o último ônibus. Para estes, só restam os dois corujões à 1h30 e 3h30 ou a oportunidade de dormir nos bancos e batentes do terminal.

mau uso dos equipamentos. Escadas rolantes, banheiros e o piso têm que ser reparados frequentemente e apesar de contar com 130 funcionários, a administração não consegue manter a Rodoviária totalmente limpa por causa do descuido do próprio usuário.

De acordo com as estatísticas, pode-se constatar também que existem 64 lojas na Estação Rodoviária. São livrarias, farmácias, e uma imensa maioria que se dedica ao comércio de comida. Fora os vários órgãos do governo como os serviços de expedição de Carteira de Identidade, Carteira de Trabalho, Certificado de Reservista e Título de Eleitor. Há também banco, Correios e Telegrafos, assistência social.

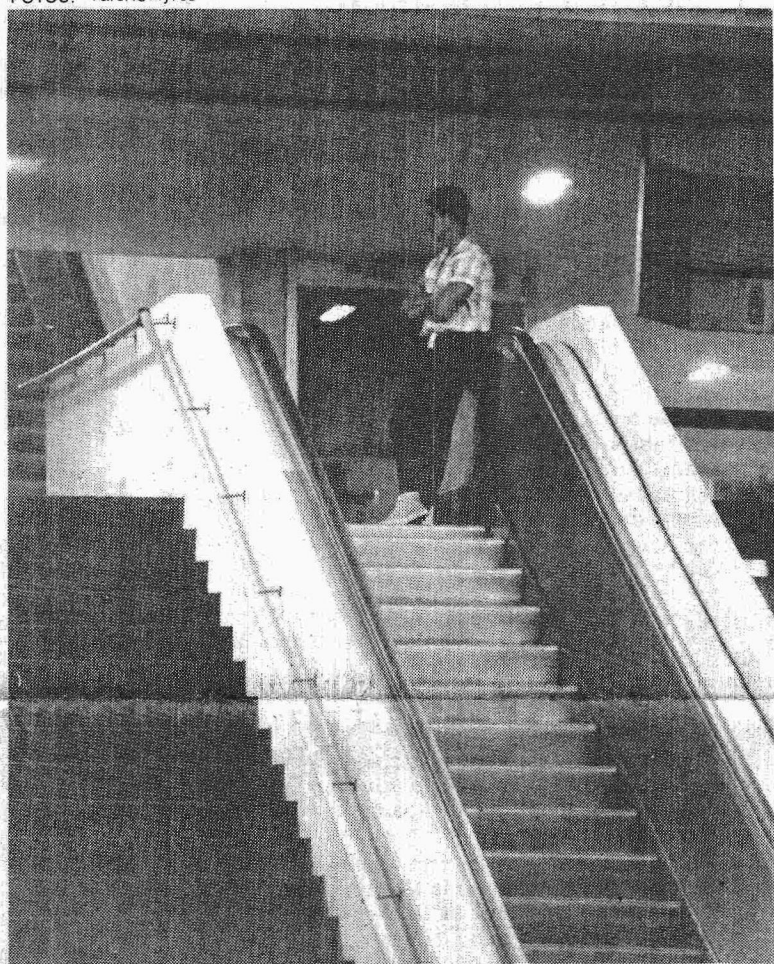


João: Cz\$ 200 por dia



José: crise amargou balas

FOTOS: Valério Ayres



Na madrugada, no alto da escada o rapaz espera um parceiro

Pastel, cana, graxa e michê

Entre as quase 400 mil pessoas que transitam diariamente pela Rodoviária, algumas são especiais. São os verdadeiros habitantes do lugar, pessoas que trabalham de dia ou de noite para a imensa massa que circula por ali. Alguns já se tornaram marca registrada da Rodoviária e a cidade já procura pelos lambe-lambes e pelo pastel de carne com caldo de cana.

Luiz Vitorino, 20 anos, vende pastel e caldo de cana há pouco menos de 15 dias, numa das pastelarias da plataforma inferior da Rodoviária. Trabalha durante a manhã, ele não reclama muito do serviço e diz que só o incomodam os fregueses mais exigentes "que reclamam de tudo". Luiz, na verdade, é auxiliar de escritório, mas está na Rodoviária provisoriamente enquanto não consegue trabalhar na sua profissão. Ele diz que tanto o pastel quanto o caldo vendem sempre e credita a boa venda dos produtos ao fato de eles serem "a comida típica de Brasília". "Cada lugar tem a sua, não é mesmo?", diz ele, que além de vender, também almoça o pastel de carne tão famoso.

Contrastando com a pouca experiência de Vitorino, Oswaldo Brandão está na Estação Rodoviária há cerca de 18 anos, na função de "lambe-lambe". Oswaldo gosta do seu local de trabalho, tanto pela segurança quanto pela freguesia certa, já que vários postos de aquisição de documentos demandam sempre fotos 3 por 4. No miniestúdio montado, o fotógrafo revela as fotos em 15 minutos, por Cz\$ 80,00 (a dúzia) ou Cz\$ 50,00 (meia dúzia) e se o lucro não é muito, por causa do alto preço do material usado, não compromete a sobrevivência. Tanto que Oswaldo está noivo e quer continuar trabalhando como autônomo na Rodoviária, esperando com isso sustentar a futura família.

Outro personagem característico é o engraxate, que povoa a Rodoviária durante todo o dia e às vezes até tarde da noite. São meninos como João Batista, 15 anos, que ajuda a mãe e 5 irmãos em Brazlândia com os 200 cruzados, em média, que consegue tirar por dia. João cobra 10 cruzados pela tinta e mais 10 pela

graxa e só reclama dos "pé-inchados", os bêbados que as vezes quebram a sua caixa e sujam os bancos de onde ele atrai os fregueses. Passando todo o seu dia nesta luta pela sobrevivência, João Batista abandonou a escola na quarta série primária — "também foi por causa da greve" — e junto com mais alguns colegas, vai aprendendo cedo a dar duro.

Também para sobreviver é que José Ferreira Neto, 46 anos, sai todos os dias de Luziânia para vender balas e biscoitos na plataforma inferior da Rodoviária. José faz isso há cinco anos e diz que com a crise, as vendas têm diminuído e o lucro fica em torno de 400 cruzados por dia. Os preços dos produtos também estão ficando muito caros para ele, que fica em seu ponto das 8 às 22 horas de segunda a sexta-feira. A mulher, que o ajuda freqüentemente, agora está cuidando de um filho doente e José Ferreira, que queria poder dormir na Rodoviária para não gastar tanto com passagem de ônibus, tem que tomar conta de tudo sozinho.

Trabalho e Prazer

Mas nem prá todo mundo a Rodoviária é questão de pura sobrevivência. Os "recos", como são tratados popularmente os recrutas do Exército, têm nos corredores e escadas rolantes o ponto de partida para encontros amorosos ou uma simples diversão entre amigos. "Jair", um catarinense de 19 anos, prefere não revelar o nome verdadeiro e

diz que a solidão e a falta da família são os principais motivos que o levam até o local mais movimentado da noite de Brasília. A grana é curta, pois segundo ele, um recruta ganha menos que a metade do salário-mínimo, "que mal dá para o cigarro e um cineminha de vez em quando". Por isso, a Estação Rodoviária é o programa mais barato: pode-se procurar alguém para se divertir e na hora "que a grana some de vez", a situação pode se inverter — de caçador, o "reco" passa a ser uma caça altamente disputada. Mas este tipo de vida não satisfaz e "Jair" pretende voltar logo para Santa Catarina, para esquecer a comida ruim do quartel, estudar mais um pouco e arranjar um bom emprego.

Nem todos voltam e preferem povoar os estacionamentos à volta da Rodoviária à espera de quem precisa dos seus serviços. "Ricardo", 20 anos, veio de Ponta Grossa, Paraná, para servir o Exército e ainda não voltou. Está na noite para "ver se arranjo dinheiro prá passagem de volta" e apesar de atender a uma clientela essencialmente masculina, avisa que tem namorada em Taguatinga. O pânico instaurado a partir da descoberta da Aids o está assustando um pouco, fazendo-o mudar alguns hábitos sexuais. Os fregueses são de todas as classes e procedências, e ele faz o seu preço de acordo com estas diferenças.



Oswaldo Brandão: há 18 anos ganhando a vida com 3x4

A rotina que o relógio marca

5:00 — A Estação Rodoviária acorda, com os primeiros ônibus que chegam e saem. Pouco a pouco, o local vai ganhando vida, com a massa que chega das cidades-satélites e Plano Piloto. Os "restos" da vida noturna é que estão indo embora; aqueles que perderam o último ônibus da madrugada ou os que não conseguiram chegar até o veículo.

7:00 — O primeiro horário de pique do dia está no seu auge. Além da chegada e saída de passageiros, que superlotam as plataformas e as escadas, as baldeações entre as satélites e os locais mais distantes do Plano Piloto fazem com que as filas em algumas linhas, notadamente para o Lago Sul, sejam grandes.

9:00 — O "rush" acabou. Pode-se dizer que este é o único horário calmo da Rodoviária. O movimento de ônibus é intenso, mas até o barulho é menor. A maioria das lojas começa a abrir neste período, mas como boa parte dos usuários está trabalhando ou estudando, tudo está quase vazio.

11:00 — A trégua durou pouco. O movimento da hora do almoço está começando e as filas aumentam de tamanho de cinco em cinco minutos. Nas pastelarias, os funcionários já estão se equipando: muito pastel e caldo de cana, para atender ao enorme contingente que está em trânsito ou os que não têm tempo de comer em casa.

13:00 — A movimentação continua intensa. As lojas de comida estão cheias, assim como o restaurante do mezanino. A ordem é comer com pressa, pois a hora do almoço é curta e o burburinho não anima ninguém a se demorar. Os ambulantes também fazem a festa, "enganando o estômago" de quem não tem dinheiro para uma refeição substancial.

15:00 — A impressão que se tem é que o "rush" da hora do almoço vai durar o dia todo. As filas são grandes e além dos ônibus, os transeuntes disputam também a aquisição de documentos. O posto policial também está muito procurado e continua assim até o início da noite.

17:00 — Desta vez não há trégua e a movimentação do final de expediente já começa. As escadas rolantes estão sobrecarregadas e as filas são muito extensas. Os usuários são abordados insistentemente pelos ambulantes, por engraxates e pelos pedintes. O cansaço é grande e a confusão também.

19:00 — O "rush" ainda persiste, mas já é hora de aparecer os primeiros sinais de uma vida noturna também intensa. Ao contrário da manhã, muito mais gente desce do que sobe as escadas, com pressa de chegar em casa ou no colégio. O comércio ainda está aberto e ainda movimentado.

21:00 — As figuras da noite agora já compõem a nova imagem da Estação Rodoviária e o movimento vai ficando menor nos pontos de ônibus. O resto do "rush" só acalma no final da noite mas a diferença já é perceptível: o barulho é menor, os ambulantes e engraxates já foram quase todos embora.

23:00 — Pouca gente ainda espera o seu ônibus. A movimentação maior é nas pastelarias, que viram "botecos" a esta hora da noite e abrigam os "pés inchados", os alcoolatras desempregados. Os estudantes noturnos estão voltando para casa, o comércio em geral está fechando e o mezanino vira local de paquera.

1:00 — A Rodoviária está quase vazia. Os últimos ônibus estão saindo e só o corujão, a 1h30 é a salvação dos atrasados. Os mendigos e bêbados já estão dormindo, somente as lojas de bebida e comida estão abertas. A movimentação está grande somente nos estacionamentos em volta do terminal e no mezanino.